



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

FLÁVIA RAQUEL GOUVEIA DOS SANTOS

MEMÓRIA E TEMPO SEGUNDO AGOSTINHO DE HIPONA

**CAMPINA GRANDE
2017**

FLÁVIA RAQUEL GOUVEIA DOS SANTOS

MEMÓRIA E TEMPO SEGUNDO AGOSTINHO DE HIPONA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura plena em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira.

**CAMPINA GRANDE
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237m Santos, Flavia Raquel Gouveia dos.
Memória e tempo segundo Agostinho de Hipona
[manuscrito] : / Flavia Raquel Gouveia dos Santos. - 2017.
19 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira, Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."

1. Temporalidade. 2. Eternidade. 3. Memória.

21. ed. CDD 115

FLÁVIA RAQUEL GOUVEIA DOS SANTOS

MEMÓRIA E TEMPO SEGUNDO AGOSTINHO DE HIPONA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura plena em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Aprovada em: 06 / 12 / 2017

BANCA EXAMINADORA

Maria Simone Marinho Nogueira
Prof. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira / UEPB
Orientadora

A L b

Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Examinador

Janduí Evangelista de Oliveira
Prof. Me. Janduí Evangelista de Oliveira / UEPB
Examinador

AGRADECIMENTOS

Externar minhas ideias colocando-as em um papel foi uma das experiências mais incríveis e difíceis que já tive. Organizar as ideias, e começar a escrever para mim era tão sofrido e extenuante podendo se comparar a um parto, e dar à luz a essa criança não seria possível sem o apoio de tantas pessoas queridas que me ajudaram e deram força para que tudo isso se concretizasse.

Meu agradecimento começa por uma pessoinha que ainda não vi, pois, ainda está em meu ventre, Maria Pietra, é para ela que dedico todos os momentos importantes da minha vida. Um dia ela irá ler esse agradecimento e saber que muito me ajudou a findar mais um ciclo em minha vida, sim ajudou, porque ao saber que virias um grande animo e força para continuar tomou conta de mim. Seja bem-vinda a esse mundo minha filha.

Meu agradecimento a meu companheiro, meu noivo, Jefferson Ferreira, que me acompanhou desde o início dessa trajetória me dando força e sempre me incentivando a continuar, principalmente nos momentos em que o desanimo me abatia, seu carinho, amor e compreensão foram cruciais para que eu conseguisse conquistar o meu objetivo. Obrigada por caminhar de mãos dadas comigo, meu amor, nessa nossa jornada.

Á meu grande amigo, a quem sinto um carinho imenso, Adelino Silva, por ter me apoiado em tudo, e sempre estar disposto a me ouvir e ajudar no que quer que seja, sem essa preciosa amizade nada disso seria possível.

Minha amiga e irmã Rebeca Paiva, apesar de morar tão distante, sempre se mostra presente, nossas conversas e seus conselhos me ajudaram demais para que esse ciclo fosse fechado, agradeço aos céus por sua amizade.

Á minha mãe Maria do Socorro, que esteve ao meu lado desde as primeiras tentativas de ingressar na universidade participando de todas as etapas que culminaram nessa conquista.

Meu super agradecimento a Simone Marinho, a melhor orientadora que eu poderia ter, foi pelo encanto por suas aulas que desenvolvi a vontade de realizar esse trabalho,

sempre tão gentil e sábia conseguiu através de suas maravilhosas explicações causar em mim um enorme interesse pelo medievo.

À Kallina Jales, secretária do curso de Filosofia, uma amiga, sempre tão gentil e disposta a ajudar, sem sua ajuda boa parte dessa conquista não seria possível, a melhor secretária que o curso poderia ter.

Enfim, para todos vocês que fizeram parte disso essa conquista não é só minha, é nossa.

MEMÓRIA E TEMPO SEGUNDO AGOSTINHO DE HIPONA

Flávia Raquel Gouveia dos Santos¹

RESUMO

Segundo Santo Agostinho, a memória tem um papel importante na manutenção da nossa identidade, pois é através dela que todos os fatos que vivenciamos retornam a nossa mente. Ela, a memória, torna aparente uma das formas basilares de nossa existência, que é a relação com o tempo. Através dela somos capazes de lembrar do passado, ver o presente e projetar-nos ao futuro. Isso fica esclarecido por Agostinho no livro XI das *Confissões*, onde ele nos explica o tema da temporalidade através da tríade: memória, visão e espera (passado, presente e futuro). Para Agostinho, a temporalidade está ligada ao homem devido ao seu caráter corruptível, e a eternidade pertence ao criador, podendo esta ser entendida como um perpétuo hoje.

Palavras-Chave: Tempo. Eternidade. Memória. Deus. Santo Agostinho.

I. INTRODUÇÃO

Em uma época onde Deus, o Criador, era o cerne de todos os acontecimentos e de todas as coisas, as obras escritas por Agostinho puderam alcançar e ultrapassar fronteiras começando a exercer papel fundamental na filosofia religiosa.

A obra Agostiniana que iremos analisar é *Confissões*, mais precisamente o livro XI, onde encontra-se a concepção de temporalidade proposta pelo autor hiponense. Também adentraremos um pouco no livro X, onde nos é apresentado a questão referente à memória, onde o filósofo se dá conta de suas reais limitações, reconhecendo que não é capaz de compreender por inteiro a si mesmo. No livro XI ele faz uma análise filosófica sobre a essência do tempo, partindo do princípio de que tudo foi criado através do Verbo de Deus, inclusive o céu e a terra e tudo que neles habita, sendo o tempo também considerado criatura, pois originou-se junto com a criação do mundo.

A temporalidade segundo Agostinho está totalmente ligada ao homem, convivemos assim com o tempo a cada instante e temos a percepção de medi-lo a cada momento e, ainda assim, apesar de tal percepção, o tempo se mostra como um

¹ Concluinte do curso de Licenciatura em Filosofia pela UEPB.

desconhecido perante nosso entendimento. Através da nossa percepção somos capazes de lembrar do passado, observar o presente e projetar-nos ao futuro, e isto Agostinho explica utilizando-se de uma tríade: memória, visão e espera (passado, presente, futuro respectivamente).

Agostinho nos evidencia um triplo presente; presente do presente, que é o agora, o exato momento em que as coisas acontecem; o presente do passado, é a memória, lembrança dos acontecimentos que estão impregnados em nossa alma; e o presente do futuro, que é a espera, a expectativa do que ainda está por vir.

Por sua vez, o tempo não pode medir a eternidade, pois nela tudo permanece, nada passa, ela encontra-se em um eterno presente, sendo, portanto, provinda daquele que é eterno, Deus.

A importância deste estudo se dá por diferentes razões. O fato de ser sobre Agostinho de Hipona já a torna uma pesquisa que tem o seu valor na figura do próprio filósofo, pois, foi um dos mais importantes filósofos dos primeiros anos do cristianismo, cujas obras foram muito influentes no desenvolvimento da filosofia ocidental juntamente com crescimento da doutrina cristã. Estudá-lo será de extrema importância para o melhor conhecimento da filosofia neoplatônica e medieval, por essas razões avalia-se este estudo como relevante para academia, já que pretende analisar o que foi proposto pelo pensamento de Agostinho no que tange à origem da temporalidade.

O encanto pela época medieval, inclusive por seus pensadores, especialmente Agostinho, despertou em nós, a partir de cada aula assistida, um enorme interesse, ali fomos preenchidos por uma inquietação e um desejo de externar nossas ideias e observações sobre um tema tão grandioso e discutido que é o tempo.

O objetivo geral deste estudo é refletir sobre as relações entre tempo e alma, o entendimento sobre a divisão temporal pensada pelos homens, e a criação oriunda do nada a partir do verbo do criador, de acordo com os estudos realizados pelo filósofo Aurelius Augustinus, visto que esse assunto é tratado até mesmo em conversas não filosóficas, e para aprofundar as ideias de temporalidade iremos na direção de explicações que se projetam além do senso comum, tomando como base as ideias do pensador africano.

A difícil tarefa de começar a preencher as páginas em branco foi tornando-se possível a medida que todas as informações ouvidas e aprendidas foram tomando forma em nosso pensamento, onde tais informações encontravam-se no grande

palácio da nossa memória, embora encontrá-las nesta vastidão fosse uma tarefa árdua.

O tempo das ideias sobre o que poderia ser feito passou, até que o tempo da escrita chegou, e a maiêutica se fez possível, o resultado desse “parir” de ideias se encontram nas próximas páginas que serão guardadas no reino da memória de quem se propuser a lê-las.

II. AGOSTINHO, VIDA, OBRA E SUA AINDA TÃO DISCUTIDA EM DIAS ATUAIS, FILOSOFIA

No ano de 354, no dia 13 de novembro, nascia Aurelius Augustinus. Mônica sua mãe era cristã e levava uma vida em busca do caminho da salvação, acreditando e seguindo os preceitos bíblicos. Agostinho e o pai eram pagãos, apesar das investidas de sua mãe ao tentar levá-los para o caminho da fé. Agostinho iniciou seus estudos em Tagaste indo depois para Cartago, onde foi em direção de uma formação superior. A língua grega não agradava ao pensador fazendo com que ele desse preferência a sua língua materna, esse fato, entretanto, não fez com que Agostinho não fosse considerado um bom aluno, mas sua formação, devido a isso, se deu completamente em língua latina. Mesmo assim alçou voo e tornou-se professor de retórica na mesma cidade onde estudou. Até aos 32 anos de idade teve uma vida cheia de promiscuidade, como ele relata minuciosamente nas *Confissões*, podendo ser saboreada pelos leitores nos nove primeiros livros da obra.

Em meio a todos esses acontecimentos, Santo Agostinho teve um filho cujo nome era Adeodato, com uma mulher simples, com a qual ele almejava se casar. Infelizmente as normas romanas da época não deixaram que isto se concretizasse. Como possuía uma vida bastante agitada, teve uma segunda mulher, mas essa não o cativou o suficiente para que a relação fosse aprofundada. Fatos tristes também assolaram esse grande filósofo medieval, como a morte precoce de seu filho, a morte de seu pai e a morte considerada mais sentida por ele, a da sua mãe. Com 19 anos de idade leu *Hortensius*, obra de Cícero que possuía em suas linhas um elogio à Filosofia, desta obra só restaram, infelizmente, alguns extratos. Este texto mexeu bastante com a vida e os pensamentos que habitavam em sua mente, então ele decide ter a Filosofia como base de suas ideias, mas acaba entrando para o maniqueísmo. A

mãe do pensador, em vida, tentou impedir a ida de Agostinho para Roma e a sua adesão ao maniqueísmo, mas foi em vão.

O Maniqueísmo era uma seita que foi fundada pelo persa Mani Maquineu, que tinha como pensamento basilar a existência de duas forças que regiam o mundo: o Bem e o Mal. O maniqueísmo fez com que Agostinho se dedicasse por muito tempo a ela (nove anos), porém toma a decisão de se afastar após um encontro com o bispo chamado Fausto, que era considerado um grande sábio dentro da seita, embora não tenha conseguido responder a todos os questionamentos do filósofo. Agostinho acabou saindo de tal seita, criticando o materialismo, pois de acordo com ele, não poderia ser a única maneira de se compreender a realidade, e tal dualismo aprendido era utilizado para explicar os conflitos entre o bem e o mal. Para Agostinho, a partir daí o maniqueísmo passou a ser considerada uma doutrina infundada, possuidora de muitas inverdades. Depois que largou o maniqueísmo Agostinho começou a aproximar-se da filosofia cética, que pregava a dúvida sobre todas as coisas, pois falava que os homens não possuíam conhecimento suficiente sobre nada. Mas logo se desligou desse segmento e se interessou pelos ensinamentos das obras neoplatônicas que o fizeram descobrir a não realidade do mal e a realidade do imaterial.

Sua conversão à religião cristã aconteceu no ano de 386, ano que foi batizado por Santo Ambrósio que na época era bispo de Milão. Ambrósio foi o responsável por mostrá-lo o caminho da fé, onde ele deveria caminhar para que a sua salvação fosse completa, abandonada a antiga vida de promiscuidade. O fato que o levou a adentrar nesse caminho religioso é contado nas *Confissões*, onde ele relata que em meio a uma caminhada no mês de agosto do ano de 386, escutou a voz de uma criança que repetia "*Tolle et lege*" (Toma e lê) e lendo as Cartas de São Paulo ele se depara com tais palavras:

Não caminheis em glotonarias e em embriaguez, não nos prazeres impuros do leito e em leviandades, não em contentas e emulações, mas revesti-vos de nosso senhor Jesus Cristo, e não cuideis da carne com demasiados desejos (AGOSTINHO, 1999, p. 5).

As dúvidas que antes estavam em sua mente acabam, e é aí que começa a sua conversão. Um homem marcado por momentos extremos, como a vida libidinosa com suas mulheres e seus pecados e a castidade depois de ouvir o "*tolle et lege!*",

nos apresenta bem a linha tênue entre essas duas formas de se viver, onde em um piscar de olhos quem cultivava uma vida de um modo pode vir a mudar drasticamente seu pensamento escolhendo o outro lado, o lado contrário de seu modo de viver. Após isso, Agostinho volta a Tagaste e foi ordenado sacerdote e, em 395, bispo de Hipona, que é a atual Argélia, passando a dedicar-se aos seus votos, mas sem deixar de dar continuidade a sua obra em torno da ideia de uma “*filosofia cristã*”.

Nessa época se travavam enormes lutas entre a igreja e as doutrinas que se diziam contrárias a seus ensinamentos. Em meio a todo esse mundo de lutas e morte por defesa de ideais distintos, Agostinho começa a escrever as suas mais importantes obras que causaram uma revolução na história da Igreja católica. No ano de 430, em 23 de agosto, Agostinho falece na cidade de Hipona, quando ela estava a ser invadida por vândalos, momento que marca o fim de uma vida de grandes feitos desse grande homem para o ocidente cristão e aí ele se despede da cidade dos homens, luxuriosa, das trevas e adentra à cidade de Deus.

O pensamento Agostiniano tem base nas suas experiências de vida. Com a sua conversão ele pode notar novas perspectivas e foi a partir disso que começou a corrigir pontos cruciais para a conclusão de algumas verdades. A fé que ele adquiriu foi de relevância significativa para seus pensamentos e fundamentações após sua conversão, sendo assim o principal caminho para tentar entender suas escrituras, pois a fé se tornou base de sua vida e do seu pensamento. Segundo Agostinho, as escrituras sagradas se fazem fundamentais para o caminhar até a verdade eterna. Devemos procurar essa verdade com nosso coração repleto de afeto, a fé é direcionada pela razão e a razão deve ser direcionada pela fé, pois se completam e são importantes da mesma forma. Segundo Agostinho, o Criador possui um papel importantíssimo na vida de qualquer uma de suas criaturas, quem seria então o Deus que tanto o filósofo apresenta em suas palavras?

Perguntei-o à terra e disse-me: “Eu não sou”. E tudo o que nela existe respondeu-me o mesmo. Interroguei o mar, os abismos e os répteis animados e vivos e responderam-me: “Não somos o teu Deus; busca-o acima de nós”. Perguntei aos ventos que sopram; e o ar, com os seus habitantes, respondeu-me: “Anaxímenes está enganado; eu não sou o teu Deus”. Interroguei o céu, o Sol, a Lua, as Estrelas e disseram-me: “Nós também não somos o Deus que procuras”. Disse a todos os seres que me rodeiam às portas da carne: “Já que não sois o meu Deus, falai-me do meu Deus, dizei-me, ao menos, alguma coisa dele”. E exclamaram com alarido: “Foi ele quem nos criou”. (AGOSTINHO, 1999, p. 264).

O que nos mostra o hiponense é que Deus é o grande criador, o criador de todas as coisas, para que o homem consiga atingir a iluminação provinda de Deus deve-se fazer o uso conjunto da fé e da razão, pois, caso a fé seja utilizada sem razão, ela se torna cega e se for utilizada a razão sem a fé ela torna-se rígida, fria.

Agostinho ao notar os problemas que se alastravam na vida cotidiana, escreveu várias obras sobre tais assuntos, uma enorme produção literária com obras de caráter filosófico, teológico, escritos exegéticos polêmicos, além, como não podia faltar, alguns conflitos vivenciados por ele. Entre todas essas obras, *Confissões*, a obra que iremos tratar neste artigo, foi a que mais se destacou. Nesta ele fala sobre problemas psicológicos e filosóficos, onde o principal foco são os mistérios da alma e do homem interior. As obras escritas por ele ultrapassaram todos os tempos e até hoje servem de influência no âmbito acadêmico e religioso. Como já foi dito, a sua vida exerceu papel importante na fundamentação de suas teorias, tendo em vista que suas obras eram escritas, também, com relação do que foi vivenciado pelo mesmo, e a partir disso ele buscava a compreensão do ser, os seus pensamentos impressionam, principalmente suas ideias sobre o homem interior. Agostinho é tido como o principal filósofo e teólogo da Patrística, onde com suas teorias conseguiu modificar pensamentos antigos de padres gregos sobre a filosofia cristã, mantendo seu trabalho intelectual tendo como base a fé e a razão.

III. O TEMPO SOB A VISÃO DE DIFERENTES FILÓSOFOS

O tempo e sua natureza é um dos problemas filosóficos mais discutidos nas salas de aula, nos corredores acadêmicos e em conversas não filosóficas onde o senso comum se mostra presente. Tal questão vem sido debatida desde a antiguidade, a sua passagem, a forma que ele flui e sua circularidade vem trazendo consigo um grande interesse, proporcionando a quem se propuser a refletir sobre suas veredas uma viagem fascinante. Apesar de tão maravilhosa que esta viagem possa vir a ser, nós, a criação do divino, deveríamos possuir um certo repúdio a este assunto, afinal, o homem pela sua condição mortal é corrompido pelo tempo e a cada instante que se passa o fim inexorável aproxima-se. Sendo assim, iremos falar um pouco sobre o que alguns filósofos defendiam em relação a esse tema, o tempo, começando com os antigos e depois retornaremos ao pensamento de Agostinho.

Platão (427 – 348 a.C) teorizou que o tempo foi criado quando um ser divino colocou ordem e organizou o caos primitivo. Segundo o pensador grego, o tempo possui origem cosmológica. O filósofo faz uma distinção entre o ser e o não ser. Segundo ele, o mundo do ser é primordial e não se encontra sujeito a transformações, portando ele é eternamente o mesmo, tal mundo é o mundo das ideias, podendo ser entendido apenas pela inteligência sendo utilizada a razão. Já o mundo do não ser possui as sensações como parte, sendo irracional, e depende somente de cada indivíduo, sendo assim um mundo irreal. O domínio do tempo se encontraria neste segundo mundo, como tudo que é visto no universo físico, possuindo uma importância inferior. Pode-se dizer que para Platão o tempo não existe, pois faz parte do mundo de sensações.

Aristóteles já considerava o mundo que pode ser observado e teorizava o entendimento sobre o tempo como essencial ao universo. De acordo com o pensador de Estagira, a terra era estática e se encontrava no centro dos outros astros. Aristóteles não dava credibilidade à ideia que dizia que houve um momento inicial da criação do universo.

A ideia que fala de um tempo cíclico e um tempo não cíclico, nos é mostrado como uma das teorias relativas às características do tempo desde lá do começo, das origens da ciência ocidental. Tal ideia foi formulada devido os fenômenos da natureza que ocorriam de tempos em tempos, como, por exemplo, as marés, estações sazonais, as noites e os dias, e por assim por diante. Tais fatos são considerados como fenômenos cíclicos, e por isso civilizações antigas puderam pensar que o tempo seria circular repetindo tais fenômenos. Esse tempo circular segundo os gregos também possui uma ideia de perfeição, esse mesmo pensamento os levou a escolher a forma do círculo, que é algo perfeito para a movimento dos corpos celestes. Em uma de suas obras, intitulada de *Física*, Aristóteles diz que há um círculo em todos os objetos que possuem um movimento natural, isso porque as coisas são discriminadas pelo tempo, possuindo um início e um fim. Os estóicos, por sua vez, tinham como teoria sobre o tempo que quando os planetas retornassem a sua posição inicial, ou seja, ao início do tempo cósmico, o universo teria um novo recomeço, sempre.

Já o filósofo Kant pensa o tempo e o espaço como esquemas mentais, onde o espaço é a forma em que se encontra todos os fenômenos externos à condição subjetiva das nossas intuições externas. O espaço restringe-se aos fenômenos externos, mas esses fenômenos obedecem à condição formal da intuição interior que

é o tempo. Logo, o tempo se trata de uma condição *a priori* para todos e qualquer fenômeno.

Já Nietzsche diz que viver é como se tudo tivesse que voltar, para o próprio, a falta do sentido linear do tempo acarretaria uma mudança drástica na psicologia humana. Segundo ele o homem corre assustado se desviando da ideia do eterno retorno.

Portando, a tal ideia de uma estrutura cíclica do tempo, possuindo como base a teoria mais completa da racionalidade do mundo, os Estóicos tiraram uma conclusão que diz que cada ciclo temporal deveria nascer e se desenvolver de modo igual aos anteriores. Já o filósofo Nietzsche retoma essa tese, onde diz que, em um procedimento que se faz circular nada acontece por um simples acaso, tudo se repete.

IV. A CRIAÇÃO *EX NIHILO*, E O QUE É CRIAR A PARTIR DO NADA

O tema da criação *ex nihilo* foi tratado em várias obras escritas por Agostinho, em todas essas obras tratava da fé cristã fazendo uma apologia às escrituras sagradas. Agostinho tendo como interesse derrubar por terra os ensinamentos de Mani, depois de passar um longo período na seita maniqueia (como já dissemos), começou a discordar do que havia ali ouvido e aprendido, pois os maniqueus criticavam o relato da criação que se encontra no livro do *Genesis*. Assim, o Hiponense realizou um estudo com o intuito de tornar o texto sacro coerente filosoficamente. De acordo com Agostinho, Deus não começou sua obra através de uma matéria pré-existente, e sim do nada, este nada não quer dizer um nada substancial, Deus com toda sua onipotência deu forma a sua criação a partir do nada absoluto, do não ser absoluto, não precisando de matéria pré-existente, como um artista que molda o barro e faz sua obra advinda de uma matéria que antes já se encontrava ali. Do nada Deus criou todas as coisas, deu origem à existência através de todo seu poder.

O criador que é um ser de todo bom, criou o mundo e sendo assim ele também, o mundo, é bom, pois se houvesse algo ruim nesta criação mancharia toda bondade de Deus, pois algo tão grandiosamente bom não poderia dar origem a algo que seja menos do que isso, mesmo assim sua criação não possui a mesma natureza de quem a criou, devido a isso ela é corruptível. Agostinho com esse pensamento dá a resposta mostrando aos maniqueus que o mundo deve ter sua origem creditada ao ser criador,

a Deus, inclusive cai por terra a partir dessa teoria apresentada que esse mundo não é feito da mesma natureza de quem o criou,

Agostinho nos mostra que a contingências das coisas criadas é uma prova que elas não advêm da mesma natureza do ser que as criou, porque se fossem da mesma natureza todas as coisas seriam perfeitas, imutáveis e não seriam contingentes, assim como o divino. Encontra-se na própria natureza das coisas a sua contingencia, o que também deixa explicito que não poderia ter se autogerado, porque a sua contingência as coloca perante um risco constante de retornar para a forma do não ser. Qualquer que seja a espécie, ela só existe em meio à criação porque são advindas do poder criacional de Deus, se não são imutáveis, foram tiradas do nada, pois todas as coisas criadas são mutáveis, propensas à mudança, podem existir como também podem deixar de existir no mesmo segundo, sendo criadas como uma semelhança da natureza do divino, mas não como igualdade.

Agostinho defendia que Deus era o único Ser, e as outras coisas que não são Deus são apenas entes, e todos os entes devem sua existência a ele. Só Deus é e nunca deixará de ser, pois ele é perfeito, imutável, necessário e está acima de qualquer divisão temporal pensada pelo homem. “Toda sua criação apenas com uma palavra do divino da mesma forma que foi criada pode deixar de existir, pois todas as coisas existentes e criadas são contingentes, diferente do que as criou, toda essa contingencia dos entes faz com que se aproximem cada vez mais do não-ser, em um devir preciso, só não o faz se aproximar das profundezas da existência imutável do criador, dessa nunca chegará.

V. ADENTRANDO O PALÁCIO DA MEMÓRIA

No livro X das *Confissões*, Agostinho nos leva a um passeio nos vastos campos da memória, onde nos deparamos com uma grande quantidade de tesouros, esse tesouro seriam lembranças que nos é apresentado pelas percepções e nossos sentidos.

Esse encontro com a memória nos coloca perante aquilo que realmente somos. A partir disso reconhecemos nossas limitações, defeitos e também nossas qualidades, e daí podemos compreender que não conseguimos entender absolutamente tudo.

Nesta fascinante viagem, invadindo a vastidão do palácio da memória, Agostinho nos faz encontrarmos nossos afetos e sentimentos trazendo à memória

momentos tristes, alegres, desejos passados e todo tipo de emoção que nós achávamos ter esquecido, mas ao trazer à tona em nossa memória nos faz reviver tudo, novamente.

O fato de esquecermos não quer dizer que a realidade do que vivenciamos não estava presente na nossa vida, e com isso o filósofo acaba confirmando que o esquecimento é a falta de memória.

Notando uma aproximação maior de si, onde ele diz: “Todavia que há mais perto de mim do que eu mesmo?” Nós, os indivíduos, seremos sempre o que recordamos. O hiponense nos apresenta uma reflexão filosófica e sistemática da interioridade do indivíduo e da memória, sendo para ele a memória apresentada como uma busca interior, podendo ser pensada como uma busca de autoconhecimento.

Segundo Agostinho, há algumas formas de lembranças no nosso eu, e nos são mostradas através do predomínio de algumas imagens: memória sensível, memória intelectual e memória afetiva. A memória nos capacita a retirar e guardar os fatos passados que não se faz mais presente. A memória não é um simples exercício de lembrar ou recordar, na memória estão impregnados nossos laços com o tempo, com aquilo que está ausente, com o passado. É por isso que se faz tão importante a memória, representando a forma e o exercício de reflexões por meio das recordações conscientes para possibilitar o fenômeno do nosso autoconhecimento.

Não há como conhecer, entender ou reconhecer se não vivemos ou lembramos, podemos assim chegar a um entendimento. Antes de Deus criar todas as coisas não existia nem o antes e nem o depois, vieram a surgir através da consciência humana, e é a partir desta que passamos a pensar e realizar uma divisão, para daí então tentar medir o tempo para que diante disto pudéssemos nos aproximar das coisas de origem divina, mas acabamos vivendo com amarras do presente, passado e futuro. Porque o tempo passado é o que vivenciamos, aquilo que é nossa história, onde encontramos muito do que somos e as coisas que aconteceram fazendo com que vivenciemos nosso presente que é o agora, O futuro já se encontra no patamar das expectativas do que estar por vir, embora não exista ainda, já faz parte da alma humana, sendo através do futuro que seguimos em busca e aguardamos a verdade.

Com seus pensamentos e ideias, Agostinho nota o quão complexa é a memória, e tenta entender quem de fato ele é, e qual seria sua natureza. A memória o atrai, provocando grande admiração no hiponense, por causa de sua grandiosidade.

VI. O TEMPO E A ETERNIDADE SOB A ÓTICA DE AGOSTINHO DE HIPONA

No livro XI, das *Confissões*, Agostinho nos apresenta um estudo acerca do tempo e da eternidade. Em tal estudo o Hiponense nos mostra que a temporalidade está totalmente ligada ao homem, pois é própria dele. Devido ao caráter psicológico pertencente a sua consciência, convivemos com o tempo a cada instante que se passa e tentamos medi-lo a cada momento.

De acordo com Agostinho, todas as criaturas, todas as coisas criadas, artistas, enaltecem o criador de todas as coisas e também realizam um questionamento sobre como Deus criou todas as coisas:

Todas estas criaturas vos louvam como o Criador de tudo, mas de que modo as fazeis? Como fizestes, meu Deus, o céu e a terra? Sem dúvida, não fizeste o céu e a terra no céu ou na terra, nem no ar ou nas águas, porque também estes pertencem ao céu e a terra. Nem criastes o Universo no Universo, porque, antes de o criardes, não havia espaço onde pudesse existir. Nem tínheis à mão matéria alguma com que modelásseis o céu e a terra. Nesse caso, de onde viria essa matéria que Vós não criáreis e com a qual pudésseis fabricar alguma coisa? Que criatura existe que não exija a vossa existência? (AGOSTINHO, 2014, p. 288)

Agostinho nos revela que apenas o criador realiza sua criação a partir do nada, algumas são completas, outras já não são, mas todas têm a capacidade de evoluir e estão em constante modificação, diferente do indivíduo porque ele apenas recria, dando forma a algo que já possui sua existência: “O Artífice impõe a forma à matéria, a qual já existia e já a continha, isto é, a terra, ou a pedra, ou a madeira ou ao ouro ou a qualquer coisa material” (AGOSTINHO, 2014, p. 288).

Agostinho nos diz que o criador, Deus como ser que dá origem a tudo, no momento da criação fez as coisas surgirem em um só momento, inclusive o Tempo que, por sua vez, também é considerado criatura, e tais coisas foram criadas por um único ser que é eterno, Deus. A vontade do criador não é uma criatura, ela existe antes de toda e qualquer coisa que havia sido criada, e nada seria criado se não existisse a vontade de Deus em criá-las.

O poder do falar e a ação não se separam quando o verbo que é imortal é pronunciado. Quando Deus fala ele cria, o Verbo dá origem a tudo. Se o criador e o seu verbo não existissem, seria algo impossível imaginar a questão da temporalidade, porque foi através da palavra dita por Deus que tudo passou a existir, dando-se origem ao tempo e a todas as outras coisas que existem.

Diante do que foi exposto neste trabalho, se torna possível assegurar que o tempo não existia antes da criação, e que o tempo e todas as coisas não são eternas, mesmo sendo criadas por um ser que é eterno. Então, sendo Deus um ser eterno e criador de todas as coisas existentes, o que seria o tempo e a eternidade?

De que modo existem aqueles dois tempos, o passado e o futuro, se o passado já não existe e o futuro ainda não veio? Quanto ao presente, se fosse sempre presente, e não passasse para o pretérito, já não seria tempo, mas eternidade. Mas se o presente, para ser tempo, tem necessariamente de passar para o pretérito, como podemos afirmar que ele existe, se a causa da sua existência é a mesma pela qual deixará de existir? Para que digamos que o tempo verdadeiramente existe, porque tende a não ser? (AGOSTINHO, 2014, p. 396)

A questão da eternidade se mostra e de fato está acima do tempo, devido essa grandiosidade, a eternidade jamais pode ser medida pelo tempo humano. Na eternidade nada passa, ela se mostra em um eterno presente:

Os vossos anos não vão nem vem, porém os nossos vão e vem, para que todos venham. Todos os vossos anos estão conjuntamente parados, porque estão fixos, nem os anos que chegam expulsam os que vão, porque estes não passam (AGOSTINHO, 2014, p. 295).

A eternidade se configura como um tempo apenas do divino, pois, apenas ele pode alcançar este eterno presente. O tempo pode ser medido e sentido pela criatura, o homem. A partir daí Agostinho nos apresenta um tríplice tempo presente e ainda nos faz enxergar que a alma e o tempo encontram-se conectados, sendo que ele, o tempo, é medido apenas pelos humanos, e medindo-o podemos encontrar o presente, o passado e o futuro.

O homem acaba sempre medindo o tempo, em todos os momentos, distinguindo um tempo mais curto de um mais longo; os anos em longos, como uma semana em que os dias se passam mais rápido e uma outra semana em que os dias se passam arrastados, demorados, mesmo assim, nossa vida é visualizada a partir de um só tempo, que é o presente. É neste presente, no agora que as coisas acontecem, apesar deste tempo ser aberto a modificações, que se encontra em um perpétuo devir, mas este não é eterno, se fosse considerado eterno não seria tempo e sim eternidade que é algo divino, longe de ser alcançado por nós, mortais. Sendo assim nós somos capazes de voltar às estradas já percorridas do passado, analisar o agora, o presente, e sermos levados até o futuro. Este tríplice presente apresentado

por Agostinho pode ser desmembrado em presente do passado, presente do presente e presente do futuro.

O presente do passado é a memória, lembrança dos acontecimentos que estão penetrados em nossa alma; o presente do presente, que é o agora, o exato momento que as coisas acontecem, é um tempo que se vai rapidamente, que se volta ao passado e logo se torna pretérito; e o presente do futuro que é a espera, a expectativa do que ainda está por vir. Temos noções de como será o futuro através da memória de coisas que aconteceram anteriormente, no passado, e da visão que temos no presente. Uma cartomante ao realizar a leitura de suas cartas visualizando o futuro de seu consulente está nada mais nada menos que analisando o passado e o agora para a partir daí ter uma estimativa do que pode vir à frente, no futuro.

A memória se mostra com um papel importantíssimo com relação à medida do tempo, é ela que faz com que acontecimentos passados voltem a nossa mente e cria expectativas nos acontecimentos que ainda estão por vir.

Através das lembranças que estão nesse vasto campo que é a memória, podemos notar os intervalos que existem entre um tempo e outro, para que possamos dizer se são breves ou longos. O tempo presente se distende indo em direção ao passado através da lembrança e ao futuro através da espera.

São as lembranças que fazem com que possamos contar nossas histórias, sendo a partir da memória que todos os fatos que vivenciamos vêm a nossa mente, quando nos esforçamos para lembrar e isso nos torna capazes de fazer nossas escolhas e histórias a partir das ações realizadas em um momento que já passou.

Então podemos pensar que não existia o tempo antes de Deus ter criado todas as coisas, porque ele, o tempo, se encontra ligado ao indivíduo. A partir de nossa consciência acabamos medindo o tempo, e com isso nos tornamos cada vez mais presos às amarras da divisão da temporalidade que é o presente, o passado e o futuro, como conhecemos. Mesmo com várias tentativas de entender e decifrar os mistérios da eternidade e do tempo, continuamos a não saber de nada, podemos dizer assim, sobre tais temas. A eternidade leva dentro de si o tempo, sendo que ela, a eternidade, própria do criador, não é possuidora de passado nem futuro, pois se encontra em um eterno presente, e o tempo próprio dos homens fica à mercê da eternidade divina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser humano tenta notar suas vidas através do tempo presente, mas esse é um tempo que ainda se sabe pouco, pois só podemos analisar nosso agora quando passamos por ele, por isso esse tempo de agora torna-se um mistério. Já no passado está nossas histórias, nossos momentos tristes, alegres, nossas raízes, e todos os episódios que fazem com que exista nosso eu. No presente podemos voltar ao nosso passado fazendo com o que revejamos os acontecimentos, e é nesse tempo, o presente, que temos expectativas do que ainda está por vir, ou seja, temos expectativas para o futuro, o futuro que ainda não existe. É através da capacidade de entendimento da alma que o homem pode mudar, tendo em vista o que anteriormente o fez padecer. A divisão do tempo existe para que se possa diferenciar o criador da criatura, pois se não houvesse o triplo presente, e o homem vivenciasse a eternidade que é única de Deus, não seria criatura e sim o próprio criador.

Finalmente, somos seres mortais, nós nascemos, crescemos, e sem sombras de dúvidas tudo isso irá acabar e quando esse ciclo se fechar iremos morrer, pois somos seres que pertencem a um tempo que sofre modificações, mas não podemos deixar de buscar as coisas eternas, pois Deus, o único ser eterno, é a passagem para a felicidade, já que de acordo com Agostinho a verdade que tanto o homem busca nesta temporalidade é regida pelo criador de todas as coisas, aquele cujo hoje é a própria eternidade.

ABSTRACT

According to St. Augustine, memory plays an important role in the maintenance of our identity, for it is through it that all the facts we experience return to our minds. It, memory, makes apparent one of the basic forms of our existence, which is the relation with time. Through it we are able to remember the past, see the present and project ourselves into the future. This is clarified by Augustine in Book XI of Confessions, where he explains the theme of temporality through the triad: memory, vision and expectation (past, present and future). For Augustine, temporality is bound to man because of his corruptible character, and eternity belongs to the creator, and this can be understood as a perpetual today.

Keywords: Time. Eternity. Memory. God. Saint Augustine.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **Confissões**. 27^a. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2014.

COSTA, M. R. N. **Tempo e Eternidade em Santo Agostinho**. Disponível em: <http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2010_02_07.pdfm>. Acesso em: 15/nov./2017.

GILSON, E. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2006.

O TEMPO NA FILOSOFIA DE ARISTÓTELES, PRIMEIRAS IMPRESSÕES. Disponível em: <<http://www.filosofiacapital.org/ojs-2.1.1/index.php/filosofiacapital/article/view/347/276>>. Acesso em: 18/nov./2017.

ORDEM DE SANTO AGOSTINHO. **Vicariato Agostiniano Nossa Senhora da Consolação do Brasil**. Disponível em: <<http://www.agostinianos.org.br/vida-eobra>>. Acesso em: 23/out./2017.

PESSANHA, José Américo Motta. **Os Pensadores – Agostinho**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

“**Que é, pois, o tempo?**” (Santo Agostinho). Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kaliop/article/viewFile/7889/5781>>. Acesso em: 20/out./2017.

STREFLING, S. R. **A Atualidade das confissões de Santo Agostinho**. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/2707/2058>>. Acesso em: 15/nov./2017.

Um Estudo sobre o tempo. Disponível em: <https://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/sobre_o_tempo>. Acesso em: 18/nov./2017.